

DOI: [10.46943/IX.CONEDU.2023.GT14.003](https://doi.org/10.46943/IX.CONEDU.2023.GT14.003)

# **A SUSTENTABILIDADE DO COTIDIANO E A AGRICULTURA URBANA COMO FERRAMENTA DE DESENVOLVIMENTO E EDUCAÇÃO AMBIENTAL: EXPERIÊNCIAS NO BAIRRO FERNÃO VELHO, MACEIÓ-AL**

**LEANDRO MATIAS DOS SANTOS**

Mestrando em Dinâmicas do Espaço Habitado (DEHA) pelo Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo (PPGAU/FAU) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL), [leandro.santos@igdema.ufal.br](mailto:leandro.santos@igdema.ufal.br);

**CIRLENE JEANE SANTOS E SANTOS**

Professora Dra. do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente (IGDEMA) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL/AL), Coordenadora do Núcleo de Estudo Agrários e Dinâmicas Territoriais (NUAGRARIO), [cilene@igdema.ufal.br](mailto:cilene@igdema.ufal.br).

## **RESUMO**

O presente artigo é resultado das pesquisas desenvolvidas no Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais – NUAGRÁRIO, por meio Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica - PIBIC, da Universidade Federal de Alagoas – UFAL. Tendo como referencial teórico: Aquino e Reginensi (2019); Aquino e Monteiro (2005); Drescher, Jacobi e Amend (2000); Zeeuw, Gündel, Waibel (2000) e outros, o trabalho em tela traz como ponto central a discussão sobre a prática de Agricultura Urbana como ferramenta para se pensar a sustentabilidade do/no cotidiano. Pode-se identificar que as práticas de agricultura em área urbana têm se materializado desde espaços privados (residência dos agricultores), assim como espaços públicos não edificáveis (margens de cursos d'água; áreas inundáveis; ambientes aquáticos como rios e lagoas) e tem se tornado alvo de pesquisas e debates, haja vista sua importância social, econômica e ambiental. Dessa forma, busca-se assim, apresentar as potencialidades do bairro Fernão Velho quanto às experiências de Agricultura Urbana encontradas em seu perímetro. Para isso, realizou-se levantamento cartográfico com delimitação do perímetro do referido bairro a partir das imagens de satélite, disponíveis no Google Earth Pro, combinadas com as informações presentes no site Alagoas em Dados e Informações.

Posteriormente, realizou-se os trabalhos técnicos de campo mediados pela aplicação de entrevista semiestruturada. Dessa forma, foi possível identificar práticas que vão desde a criação de animais ao cultivo de frutíferas, leguminosas, raízes, hortaliças etc., além de evidenciar a estrutura socioeconômica na qual se insere os agricultores englobados na pesquisa

**Palavras-chave:** Agricultura Urbana, Desenvolvimento Sustentável, Produção do Espaço, Realidade (In)visível.

## INTRODUÇÃO

---

O presente capítulo resulta do trabalho de conclusão de curso intitulado Agricultura Urbana e suas Potencialidades: estudos a partir do bairro Fernão Velho, Maceió/Alagoas, proveniente da pesquisa Agricultura Urbana: diagnóstico, mapeamento e caracterização<sup>1</sup>, a qual foi desenvolvida no Núcleo de Estudos Agrários e Dinâmicas Territoriais - NUAGRÁRIO, do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - IGDEMA, da Universidade Federal de Alagoas - UFAL, Campus A. C. Simões.

Antes de pensar a Agricultura Urbana como ferramenta para promoção da sustentabilidade do/no cotidiano, é preciso fazer uma breve abordagem de processos pretéritos ligados à constituição das cidades, e mesmo fora dos limites do espaço urbano. Exemplo disso, foi a modernização agrícola ocorrida no Brasil que marcou a década de 1960 e trouxe consigo inúmeras implicações sociais, econômicas e ambientais. Essa modernização foi:

“[...] uma expressão do modelo econômico desenvolvimentista, iniciado no período pós Segunda Guerra, em que se baseava no pacote tecnológico da revolução verde, que era muito dependente de insumos industrializados, tais como fertilizantes químicos, biocidas, além de máquinas e implementos agrícolas. (Andrade, 2018, p. 2963).

É evidente que a implantação desse pacote tecnológico acabou privilegiando os grandes latifundiários, o que acabou precarizando ainda mais a vida da população pobre do campo e que resultou na perda de suas terras, na exclusão do homem do campo, na perda da renda familiar, na deterioração do meio ambiente e na migração para as cidades como “alternativa” de mudança do quadro em que muitos se encontravam.

Destacamos que esse processo apresenta outras complexidades e que essa breve abordagem se configura como uma sucinta introdução ao que foi e tem sido a modernização do campo e suas implicações na vida dessa população, mas é certo que “[...] Nos países dito “em vias de desenvolvimento”, a dissolução da estrutura agrária empurra para as cidades camponeses sem posses, arruinados, ávidos de

---

1 Pesquisa desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) e que teve como órgão de fomento o Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico - CNPq.

mudanças [...]” (Lefebvre, 2011, p. 80-81). Como consequência nas cidades, esse processo resultou no inchaço urbano e apesar de a urbanização ter reduzido o ritmo nos últimos anos, as suas consequências continuam sendo sentidas (Santos, 2012).

Partindo do cenário acima e tendo como referencial teórico: Reginensi (2019); Aquino e Monteiro (2005); Drescher, Jacobi e Amend (2000); Zeeuw, Gündel, Waibel (2000) e outros, o trabalho em tela traz como ponto central a discussão sobre a importância da Agricultura Urbana para a promoção do desenvolvimento sustentável e o fortalecimento de uma educação ambiental.

Identificamos que as práticas de agricultura em área urbana se materializam desde espaços privados (residência dos agricultores), assim como espaços públicos não edificáveis (margens de cursos d’água; áreas inundáveis; ambientes aquáticos como rios e lagoas) e tem se tornado alvo de pesquisas e debates, haja vista sua importância social, econômica e ambiental.

Dessa forma, buscamos assim, apresentar as potencialidades do bairro Fernão Velho quanto às experiências de Agricultura Urbana encontradas em seu perímetro. Para isso, realizamos levantamento cartográfico com delimitação do perímetro do referido bairro a partir das imagens de satélite, disponíveis no *Google Earth Pro*, combinadas com as informações presentes no site Alagoas em Dados e Informações. Posteriormente, realizamos os trabalhos técnicos de campo mediados pela aplicação de entrevista semiestruturada.

Com isso, pudemos identificar práticas que vão desde a criação de animais ao cultivo de frutíferas, leguminosas, raízes, hortaliças etc., além de evidenciar a estrutura socioeconômica na qual se insere os agricultores englobados na pesquisa. A Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho<sup>2</sup>, Maceió/AL se apresenta não só como uma ferramenta de enfrentamento da fome e da pobreza com também de melhoramento e preservação da fauna e flora local. Além de ser uma atividade com grande potencial pedagógico.

É mister destacar que esse trabalho não é sobre educação ambiental no sentido de se discutir métodos de abordagem ou exemplos de atividades lúdicas que possibilitem alcançar a dimensão da preservação do meio ambiente. Trata-se da

---

2 O bairro Fernão Velho foi criado no ano 2000 com o abairramento de Maceió pela Lei municipal 4952/20001. Anteriormente era distrito de Maceió, cuja história começa a ser tecida juntamente com a da indústria têxtil no estado de Alagoas, tendo em vista que recebeu a primeira fábrica desse segmento e a partir disso foi palco de diversas transformações socioespaciais que se perpetuam até os dias atuais.

reflexão sobre as práticas de Agricultura Urbana e suas múltiplas possibilidades de abordagens. Ou seja, se propõe em fazer uma aproximação e analisar a sustentabilidade na fonte, no dia a dia dos moradores, em divulgar a ação invisibilizada pelo poder público que pouco faz pela preservação do meio ambiente.

## METODOLOGIA

---

O desenvolvimento da pesquisa contou com seis etapas. A primeira etapa compreendeu o levantamento bibliográfico, na qual realizamos pesquisas objetivando a construção de um arcabouço de materiais disponíveis sobre a temática abordada. No entanto, o levantamento esteve pautado, principalmente, na base eletrônica dada a escassez de materiais impressos sobre Agricultura Urbana. Ao final, esta etapa resultou num arcabouço teórico plural. Dentre os autores, além dos já citados anteriormente, se destacam: Lefebvre (2011), Minayo (2009), Mougeot (2000), Santos (2012, 2013, 2014, 2017, 2018), Terrile (2006) e outros.

Os textos foram trabalhados em unidades com temáticas que se aproximavam. Na primeira unidade os textos versavam sobre a cidade, na segunda unidade foi abordada a Agricultura Urbana e na terceira unidade foram trabalhados outros com temáticas voltadas para políticas públicas e o desenvolvimento sustentável. Ao longo dos encontros cada material foi devidamente fichado. Esse formato adotado foi importante para a construção de um olhar crítico a respeito da temática central neste trabalho.

Na segunda etapa foi processado o levantamento cartográfico com delimitação do perímetro do bairro Fernão Velho, Maceió/Alagoas, a partir das imagens de satélite disponíveis no programa *Google Earth Pro* combinadas com as informações presentes no site Alagoas em Dados e Informações, no qual foi realizado o **download** do arquivo geoespacial no formato KML com os polígonos representando os bairros dos municípios do estado de Alagoas, resultando assim numa maior precisão dos limites do bairro em questão. A conclusão dessa fase resultou na obtenção do mapa base para a terceira etapa (mapeamento esquemático das áreas de ocorrência da Agricultura Urbana) e que será apresentado posteriormente.

Com a obtenção dos limites dos bairros iniciamos a terceira etapa que englobou o mapeamento das áreas propícias à ocorrência de Agricultura Urbana utilizando o *Street View*, um dos recursos do *Google Earth Pro* que possibilita uma visão panorâmica de 360°, possibilitando ao usuário a sensação de estar caminhando por entre

as ruas. As áreas mapeadas foram recortadas e arquivadas em um banco de dados para, posteriormente, comparar com a realidade encontrada durante os trabalhos técnicos de campo. Destacamos que esse mapeamento teve como base a tipologia desenvolvida por Terrile (2006). Segue abaixo quadro com a referida tipologia:

**Quadro 1: Tipologias possíveis para as atividades de Agricultura Urbana e Periurbana**

TIPOLOGIA	ESPAÇOS CARACTERÍSTICOS <sup>3</sup>
<b>Espaços Privados</b>	<b>Lotes vagos;</b> <b>Terrenos baldios particulares ou com dúvidas sobre a propriedade;</b> Lajes e tetos; <b>Quintais</b> ou Pátios; Áreas peri-urbanas; Áreas verdes em conjuntos habitacionais.
<b>Espaços Públicos</b>	<b>Terrenos de propriedade Municipal, Estadual e Federal com espaços possíveis de utilização de acordo com a caracterização feita nas linhas abaixo:</b>
Verdes Urbanos	Praças e Parques.
Institucionais	Escolas e Creches; Posto de Saúde; Hospitais; Presídios; Edifícios Públicos e Privados.
<b>Não Edificáveis</b>	Laterais de vias férreas; Laterais de estradas e avenidas; <b>Margens de cursos d'água;</b> <b>Áreas inundáveis;</b> Faixa sob linhas de alta tensão; <b>Ambientes aquáticos (rios e lagoas).</b>
<b>Unidades de Conservação</b>	<b>Áreas de proteção ambiental;</b> Reservas Ecológicas; Outras unidades desde que seja permitido o manejo e uso de potencialidades.
Áreas de Tratamento	Aterro sanitário; Lagoas de oxidação.

**Fonte:** TERRILE, 2006 *apud* SANTANDREU; LOVO, 2007. Adaptado pelos autores, 2019.

Ao fim dessa etapa, foram mapeadas, virtualmente, vinte e duas áreas propícias à prática de Agricultura Urbana. Além disso, outras duas áreas foram mapeadas para observação durante os trabalhos técnicos de campo em função da

3 Está em destaque os espaços nos quais foram encontradas práticas de Agricultura Urbana.

difícil visualização no programa, restando algumas dúvidas em relação aos espaços delas, com isso decidimos fazer a identificação de maneira diferente das demais.

Além disso, esta etapa englobou a confecção de uma planilha posteriormente utilizada para ajudar na localização das áreas a serem visitadas durante os trabalhos técnicos de campo. A planilha foi composta com os nomes das ruas e outros pontos de referência como: tipo de área (casa, terreno, chácara etc.), número das casas próxima a área, além das características das áreas (terreno cercado, terreno murado, terreno aberto) nos casos em que não foi possível identificar a numeração. Esses dados não serão apresentados neste trabalho para preservar a privacidade dos entrevistados.

Ao final desse processo trabalhamos os dados obtidos a partir do mapeamento auxiliado pelo programa *Google Earth Pro* com as ferramentas do programa *Qgis* para a confecção da distribuição espacial das áreas em potencial para a prática de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL.

A quarta etapa ocorreu em paralelo com as anteriores e correspondeu à construção do roteiro de entrevista semiestruturada, uma vez que essa técnica “[...] combina perguntas fechadas e abertas, em que o entrevistado tem a possibilidade de discorrer sobre o tema em questão sem se prender à indagação formulada [...]” (Minayo, 2009, p. 64).

Dessa forma, o roteiro foi composto por 25 questões, sendo desse total 9 questões fechadas e 16 questões abertas, para ter-se a interlocução dos praticantes de Agricultura Urbana no bairro supracitado. Estruturalmente, o roteiro de entrevista foi dividido em dois momentos, sendo o primeiro direcionado para conhecer o perfil socioeconômico dos entrevistados e o segundo para identificar as questões que envolvem a prática em discussão.

No que se refere a quinta etapa, realizamos os trabalhos técnicos de campo para checagem das informações obtidas na terceira etapa e aplicação do roteiro de entrevista semiestruturada confeccionado na etapa 4 como apresentado. Expressamos aqui que de todas as etapas explicitadas até o momento essa foi a mais sensível e delicada, pois o campo exige do pesquisador, didática e sensibilidade no tratamento com o público entrevistado, apresentando-se como um modelador do pesquisador, tendo em vista que “[...] ir à campo está longe de ser fácil. O campo é repleto de dúvidas e requer humildade” (Reginensi, 2019, p. 18).

Esse processo de contato prático com a realidade estudada proporciona ao pesquisador novos olhares e percepções acerca de seu objeto de estudo. Como

exemplo disso, o termo Agricultura Urbana foi substituído por cultivo, criação de animais e/ou horta na medida em que foram acontecendo os contatos com os entrevistados nas respectivas áreas mapeadas, indo ao encontro do que aponta Minayo (2009) ao defender que é preciso utilizar a linguagem do senso comum facilitando assim a compreensão por parte dos que não dominam a linguagem acadêmica.

Os trabalhos técnicos ocorreram em um fim de semana, no turno matutino. A escolha do dia e horário se deu pela própria dinâmica do urbano, buscando com isso diminuir as chances de não encontrar os moradores no decorrer da semana em função de suas ocupações. Esta etapa foi bastante enriquecedora, visto que ocorreu em parceria com os alunos da disciplina de Geografia Agrária dos cursos de Geografia Licenciatura e Bacharelado do Instituto de Geografia, Desenvolvimento e Meio Ambiente - IGDEMA. Os diversos olhares dos alunos sobre a temática em tela foram somados e compartilhados a cada área visitada e entrevista realizada.

Ainda durante esta etapa, avaliamos de forma crítica a metodologia empregada, desde o levantamento bibliográfico que contribuiu para a construção de uma ideia de Agricultura Urbana e que se confirmou no campo, resguardando as especificidades do recorte estudado, até o emprego da tipologia base para o mapeamento virtual, que se mostrou muito eficiente tendo em vista que as práticas confirmadas durante os trabalhos técnicos de campo são realizadas em muitos dos espaços característicos explicitados na Tipologia de Terrile (2006).

Por fim, na sexta etapa realizamos a sistematização e análise dos dados por meio de formulário eletrônico do *Google Forms*, o que contribuiu para a dinamização dessa etapa, uma vez que, ao serem inseridas as informações, foi possível obter os dados quantificados e muitos deles já no formato de gráficos, resultando com isso em ganho de tempo a ser empregado na análise.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

---

Com o agravamento das condições climáticas, a busca pelo desenvolvimento com bases na proteção do meio ambiente tem se tornado pauta de debate nas diferentes esferas de poder. Pensar o Desenvolvimento Sustentável, conceito tão caro, mas que tem sido esvaziado do seu real significado e servido muitas das vezes de adereço discursivo, vem se tornando tendência entre os líderes.

Enquanto os gestores exercem a inércia, os menos favorecidos desenvolvem práticas verdadeiramente sustentáveis e capazes de promover reais transformações.



Exemplo disso, é possível citar os moradores do bairro Fernão Velho que como forma de enfrentamento da fome e da pobreza buscam na Agricultura Urbana uma saída. Ao mesmo tempo em que produzem parte do próprio alimento também contribuem para a preservação ambiental, é o que está sendo identificado aqui como a sustentabilidade do cotidiano. Não se pode deixar de apontar que, infelizmente, essa sustentabilidade do cotidiano vem sendo praticada diante da violação de diversos direitos como a moradia, o trabalho e a alimentação.

Quem são esses que praticam a sustentabilidade no cotidiano? Quais ferramentas possuem? Qual apoio lhes é dado? Entendemos ser necessário, antes de entrarmos na discussão propriamente das experiências de práticas de Agricultura Urbana no recorte em questão, apresentar um breve relato do perfil socioeconômico do grupo englobado nesta pesquisa. Destacamos nesse início que o grupo de moradores é composto em sua maioria por mulheres (56%) em comparação com o público masculino (44%). Quanto à ocupação, 45% das pessoas responderam ter como ocupação principal as atividades domésticas, ou seja, não possuem renda a partir do trabalho remunerado. Esse grupo é composto exclusivamente por pessoas do sexo feminino. Além disso, somente 11% se enquadram como assalariado registrado e o dobro disso (22%) ocupa a categoria de assalariado sem registro. Nesse cenário, somando os assalariados sem registro com o total das donas de casa, é possível constatar que 67% dos entrevistados não possuem renda fixa.

Outro ponto importante para entendermos melhor a realidade estudada é o total de pessoas por residência. Quanto a isso, mais da metade das áreas são compostas por 4 moradores, o que já é um número significativo se levado em consideração a realidade da ocupação em que 67% estão como assalariados(as) sem registro e donas de casa.

Soma-se a tudo isso outra importante variável, a escolaridade, uma vez que 56% dos agricultores urbanos não possui o ensino fundamental completo e uma parcela significativa dos entrevistados compõem o grupo de analfabetos (22%). Em ambas as situações, o público englobado explicitou que a trajetória escolar foi encurtada ou não existiu, pela necessidade de trabalhar. Destacaram ainda que a responsabilidade do exercício de uma atividade independente de suas idades acabou se sobrepondo à formação escolar.

Isso só amplia cada dia mais a população que faz crescer a margem. As margens podem ser entendidas como “[...] situações que apertam e até excluem diversos sujeitos. As margens se constroem na relação e na tensão entre formal/

informal, poderes/contrapoderes e entre reconhecimento e negação” (Reginensi, 2019, p. 25), e essa forma de compreender a margem possibilita entender em que ponto desta estão os agricultores urbanos englobados nesse trabalho. Quanto ao local de origem dos entrevistados, segue quadro 2:

**Quadro 2:** Local de origem dos praticantes de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL

IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS	ORIGEM DOS PRATICANTES	ORIGEM DOS PAIS	ORIGEM DAS MÃES
Área 05	União dos Palmares/AL	União dos Palmares/AL	União dos Palmares/AL
Área 06	Viçosa/AL	- <sup>4</sup>	Viçosa/AL
Área 07	Rio Largo/AL	União dos Palmares/AL	União dos Palmares/AL
Área 10	Atalaia/AL	Coqueiro Seco/AL	Coqueiro Seco/AL
Área 12	Água Preta/PE	Água Preta/PE	Água Preta/PE
Área 18	Maceió/AL	Maceió/AL	Maceió/AL
Área 19	Maceió/AL	Maceió/AL	Maceió/AL
Área 22	Maceió/AL	-	-
Área extra	Jaramataia/AL	Jaramataia/AL	Jaramataia/AL

Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

No quadro 2, é possível observar que do total de 9 entrevistados, 6 são oriundos de outros municípios e até mesmo de outro estado, como é o caso encontrado na área 12 em que é natural de Água Preta/PE. Com exceção das áreas 07 e 10, fica evidente que todos os envolvidos com a prática em questão apresentam origens iguais às de seus pais. Vale ressaltar ainda, que o referido quadro aponta para um processo de busca pela cidade de Maceió, o qual pode ser entendido por fatores como procura por emprego e melhores condições de vida. Cabe também destacar que Fernão Velho outrora já se apresentou como uma miragem dos fatores acima citados, pois o bairro foi palco do “progresso industrial” com a fundação da União Mercantil, “[...] primeira indústria fundada na então província de Alagoas, em março de 1857 [...]” (Farias, 2014, p. 45).

4 Aplicado nos casos em que o entrevistado não soube responder ou optou por não apresentar a informação.

Ademais, fica em evidência que a Agricultura Urbana encontrada em Fernão Velho vem sendo praticada há muito tempo, de maneira que na maioria dos casos quase se confunde com a própria história dos moradores no citado bairro. É o que pode ser observado no quadro 3 abaixo:

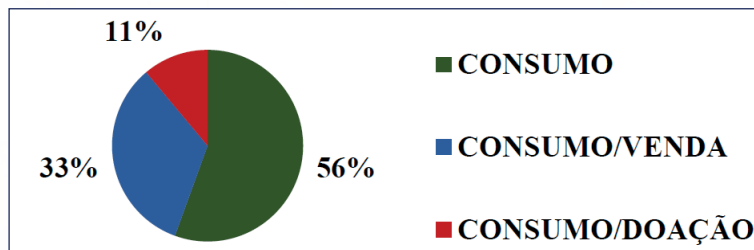
**Quadro 3:** Faixa etária dos praticantes de Agricultura Urbana e tempo que residem no bairro Fernão Velho, Maceió/AL

IDENTIFICAÇÃO DAS ÁREAS	FAIXA ETÁRIA	TEMPO RESIDINDO NO BAIRRO
Área 05	52 anos	27 anos
Área 06	75 anos	66 anos
Área 07	92 anos	65 anos
Área 10	69 anos	50 anos
Área 12	69 anos	18 anos
Área 18	25 anos	25 anos
Área 19	55 anos	35 anos
Área 22	44 anos	44 anos
Área extra	57 anos	20 anos

Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

A compreensão do perfil socioeconômico dos praticantes de Agricultura Urbana no bairro supracitado ajuda a entender experiências encontradas, assim como a estrutura na qual estas são desenvolvidas. O destino final do que se produz não poderia ser outro que não o mostrado no gráfico 1 abaixo:

**Gráfico 1:** Destino final da Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

Está em evidência no gráfico 1, que 56% do que é produzido em Fernão Velho tem como destino final o consumo no interior das próprias residências. O que por sua vez reforça todo o cenário já apresentado, visto que as condições econômicas não favoráveis ao grupo entrevistado apresentam implicações diretas na renda e, por consequência, no acesso ao alimento. Com isso, o cultivo/criação de animais é realizado para o autoconsumo. Sobre os objetivos existentes por trás desta prática é sabido que:

“[...] a agricultura urbana pode ter vários objetivos que não são de forma alguma excludentes – e que coexistem em uma variedade de combinações diferentes. Por exemplo, as famílias pobres podem dedicar-se à agricultura urbana por várias razões simultâneas. Enquanto a mulher talvez enfatize a importância da agricultura urbana para assegurar a alimentação da família, o marido talvez insista nos benefícios dos rendimentos adicionais que ela gera [...]”. (ZEEUW, GÜNDEL E WAIBEL 2000, p. 2).

Cabe ressaltar que esses objetivos não estão dissociados da necessidade do público envolvido. É o caso dos 33% que responderam consumir e vender o que produzem. É importante salientar que esse mesmo grupo apontou que o consumo no interior da própria residência ainda é o destino principal, a venda acontece somente diante da existência um excedente, o que nem sempre acontece em função da falta de acesso à terra, do baixo poder aquisitivo para obtenção de insumos entre tantas outras questões potencializadas pela não efetivação de uma política pública que promova a valorização e ampliação dessa atividade.

Para que isso aconteça, é preciso que a Agricultura Urbana seja incorporada no planejamento da cidade. A inexistência de um planejamento considerando as necessidades reais do público envolvido com a prática em questão acaba por impedir a expansão dos diversos exemplos de práticas de Agricultura Urbana existentes no bairro Fernão Velho. Entretanto, mesmo diante das inúmeras adversidades, o público englobado preserva a ação da partilha. A doação entre os vizinhos está presente nesse sistema de produção de alimentos em que a sustentabilidade é compartilhada.

Compreender essa outra dimensão eleva as discussões em torno da Agricultura Urbana que, assim como é múltipla de sentidos e significados também é em termos de possibilidades e expressões, pois não só na realidade estudada, mas também em diversos outros lugares “[...] é praticada em áreas menores e

geralmente apresenta uma mistura de cultivos mais diversificada e integrada [...]” (Smit, 2000, p. 3), facilmente percebido nas áreas englobadas nesta pesquisa como revela o quadro 4 que segue:

**Quadro 4: Exemplos de cultivo/criação de animais no bairro Fernão Velho, Maceió/AL**

Práticas	
CRIAÇÃO DE ANIMAIS	Aves (Galinhas, Guinés, Perus) Peixes (Carpas, Tilápias)
CULTIVO (FRUTÍFERAS)	Abacate, Acerola, Banana, Cajá, Caju, Carambola, Coco, Jabuticaba, Jaca, Jambo, Laranja, Limão, Mamão, Manga, Pitanga, Romã, Sapoti, Tomate.
CULTIVO (LEGUMES/VERDURAS/RAÍZES)	Abóbora, Macaxeira, Quiabo.
CULTIVO (ERVAS/HORTALIÇAS)	Erva cidreira, Manjerição, Hortelã, Capim-santo, Camomila, Mastruz, Colônia.

Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

O quadro 4 mostra não só a diversidade dos exemplos de cultivos/criação de animais como também o grande potencial que o bairro possui. Potencial esse que pode ser explorado de maneira a transformar a realidade atual, que diante da falta de recursos dos praticantes e a inércia dos gestores do município de Maceió não consegue avançar. Seguem abaixo algumas figuras em que é possível identificar o estado de organização e estrutura da Agricultura praticada no bairro:

**Figura 1: Cultivo de frutíferas/raízes**



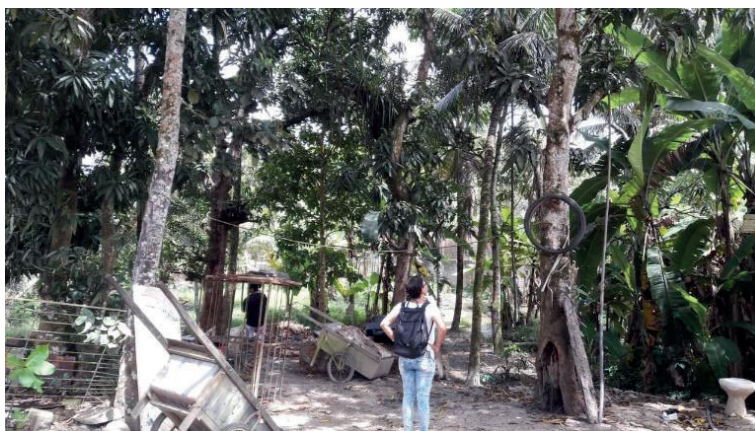
Figura 2: Cultivo de frutíferas/ervas



Figura 3: Atividade pesqueira



Figura 4: Cultivo de frutíferas e criação de aves

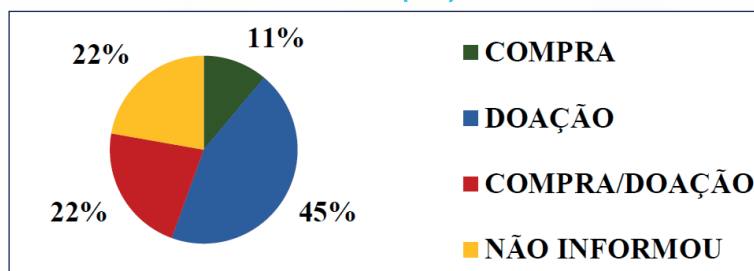


Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

Essa diversidade apresentada nas figuras precisa ser pensada e inserida no planejamento da cidade, entretanto “[...] Ao planejar o uso do solo para o desenvolvimento da cidade, é muito frequente (sic) que a destinação das terras para os produtores urbanos de alimentos seja excluída dos planos [...]” (Zeeuw, Gündel, Waibel, 2000, p. 2-3), ficando claro assim que o não fazer é também um fazer e que essa ação tem contribuído para a precarização dessa prática e da vida do público entrevistado, pois “O acesso aos recursos terra e água, assim como a segurança dos direitos dos usuários e o nível de preço dos lotes são fatores cruciais para o desenvolvimento da agricultura urbana [...]” (Zeeuw, Gündel, Waibel, 2000, p. 2) e tudo isso está longe de ser garantido pelo poder público no bairro em questão.

É importante destacar, também, que o progresso da Agricultura Urbana e a sustentabilidade do cotidiano não está necessariamente atrelado as práticas essencialmente capitalistas como produção em grande escala, exportação, mecanização da prática, pois essas são situações que não cabem na realidade em questão. O que se discute aqui são formas de melhorar a vida dos agricultores urbanos por meio do acesso à terra, de reconhecimento e valorização dessa prática pela sociedade civil e poder público, através de criação de um mercado consumidor que possa ser abastecido pela produção local, por meio de apoio técnico etc. Tudo isso não retira as especificidades dessa prática. Como exemplo a ser apontado é própria forma de aquisição de insumos apresentada no gráfico 2:

**Gráfico 2: Formas de aquisição de insumos**



Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

A forma de aquisição de insumos apresentada no gráfico 2 acaba revelando não só a face da Agricultura Urbana praticada no bairro Fernão Velho como também as relações que se estabelecem entre os praticantes. Sua existência e permanência muito tem das trocas entre os indivíduos, que no caso específico representa 45%

advindo de doações e 22% de compra/doação. Em contrapartida, apenas um total de 11% obtém seus insumos exclusivamente por meio da compra. Como os recursos financeiros são escassos, a maioria recorre à doação entre si dos seus próprios insumos, que inclui todos os elementos apresentados no quadro 4.

Não se pode deixar de apontar que as doações entre os envolvidos acabam fortalecendo os laços, criando assim diferentes formas de relações dentro da comunidade e impedindo a existência de conflitos por conta da prática. Prova disso é que 100% dos entrevistados afirmaram não ter tido nenhum problema com seus vizinhos por conta da prática estudada. É válido ressaltar ainda que o gráfico também reforça o que tem sido apresentado até o momento em relação ao baixo poder aquisitivo dessas pessoas e expõe também a falta de atuação do poder público, que por meio de:

Medidas de política pública podem estimular ainda mais esse desenvolvimento social dentro das comunidades através da agricultura urbana. Por exemplo, estimulando a inclusão da agricultura urbana nos projetos de regeneração de bairros que vinculem a produção de alimentos com atividades educativas e de desenvolvimento comunitário, permitindo a posse comunitária da terra e facilitando sistemas locais de intercâmbio que ponham os produtores em contato direto com os consumidores locais. (Zeeuw, Gündel, Waibel, 2000, p. 6).

Se aplicada à realidade estudada, essas poucas medidas significariam um grande avanço para os produtores urbanos, pois teriam suas práticas promovidas, estimuladas e ao mesmo tempo valorizadas, visto que essas passariam a fazer parte do bairro de maneira mais integrada ao espaço e as pessoas que nele habitam. Estimuladas, a comunidade passaria a interagir com a Agricultura Urbana local conhecendo assim sua importância social, ambiental e econômica. Além disso, toca também na esfera da educação, a qual pode abarcar essa prática e trabalhá-la de maneira transdisciplinar e com isso contribuir também para o seu fortalecimento.

As medidas citadas acima apontam também para a promoção da comercialização dos produtos gerados no próprio bairro. Isso se apresentaria como uma ação importantíssima tomada pelos gestores no incentivo à essa prática, tendo em vista que iria estimular a comunidade a comprar frutas, legumes, verduras, hortaliças, animais etc. da produção local. Claro que isso tudo demandaria uma série de ações práticas dos órgãos competentes em relação ao uso do solo como “[...] acesso aos recursos terra e água, [...] integração da agricultura no planejamento do



desenvolvimento urbano, [...] uso temporário das terras baldias, [...] integração da agricultura nos novos projetos habitacionais [...]” (Zeeuw, Gündel, Waibel, 2000, p. 2-3).

Entretanto, como tem sido apresentado, os agricultores urbanos no bairro estudado estão longe de usufruir de qualquer tipo de ação apontada acima. Prova disso é a precarização da vida observada na própria materialização do objeto estudado. É o caso da situação encontrada na área 10 em que o entrevistado diante da falta de condições financeiras e a idade avançada tem enfrentado dificuldades tanto em fazer a manutenção necessária dos tanques nos quais cria peixes como também em adquirir os próprios alevinos. Abaixo segue figura 5:

**Figura 5:** Tanque de criação de peixes desativado localizado na área 10 no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



**Fonte:** Área 10, Pesquisa de campo, 2019

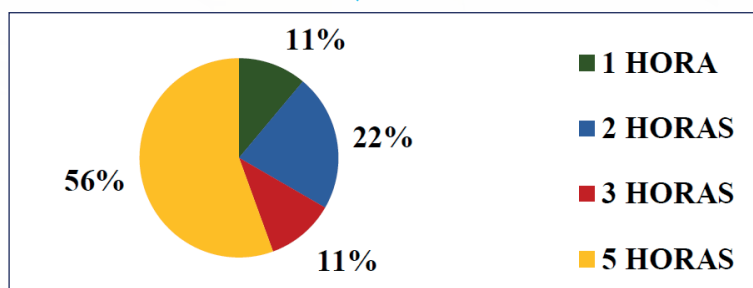
Como se pode observar na figura 5, os tanques destinados à criação de peixes na área 10 foram produzidos de maneira artesanal resultado de muito trabalho braçal. Localizada às margens da Lagoa Mundaú, a referida área conta com sistema de abastecimento de água, desenvolvido pelo próprio morador, que faz uso desse corpo d’água. Além disso, como alternativa para tornar rígida a estrutura dos tanques, pois não conta com nenhuma engenharia ou planejamento, o proprietário intercalou os tanques com canteiros de coqueiros para que suas raízes ajudassem a fixar as paredes de cada tanque. Durante a entrevista o morador explicitou que:

*“Isso aqui era pra fazer de cimento, né? cimento armado pra barrera não cair, mas é a condição, é muito dinheiro isso aí, fazer isso. As raízes seguram, por isso que apranto coqueiro nas berada (Área 10, Pesquisa de campo, 2019).*

Outra dificuldade enfrentada é o transbordamento da Lagoa Mundaú que acaba levando materiais para dentro desses tanques como galhos de árvores, algas, sedimentos etc. e com isso diminui a sua profundidade, demandando assim mais trabalho de limpeza. Com isso, fica em evidência que a prática em discussão demanda tempo e dedicação dos envolvidos e como não existe uma contribuição por parte do poder público é necessário que haja o envolvimento dos residentes para a manutenção e continuação dessa prática.

Como prova disso, as entrevistas apontaram que 67% da Agricultura Urbana conta com a participação de diversos membros da família e somente 22% é realizada apenas por um residente, os outros 11% não informaram como é feita a divisão das atividades envolvendo a citada prática. Além disso, as entrevistas apontaram ainda para o tempo empregado por eles na prática em questão. Os dados estão explicitados no gráfico 3 abaixo:

**Gráfico 3:** Tempo empregado pelos entrevistados à prática de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

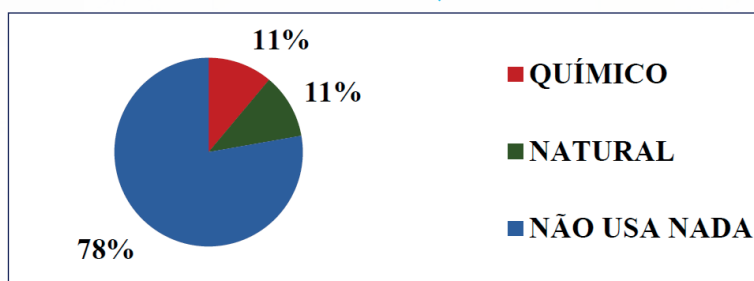
A maioria dos entrevistados emprega em média cinco horas por dia à prática de Agricultura Urbana, o gráfico 3 deixa nítida a dedicação e o cuidado dos praticantes para manter o cultivo/criação tendo em vista que, como já apresentado, a maior parte será destinada principalmente para o autoconsumo, o que representa grande importância para os envolvidos.

Esse tempo empregado inclui principalmente plantio, replantio, rega, limpeza de hortas e roças e, nos casos de criação de animais, a alimentação e a limpeza dos espaços em que são criados.

A questão do manejo inclui além dos exemplos citados outro ponto importante que diz muito sobre essa prática, a forma de controle de pragas e doenças.

Estando em área urbana ou não, o uso de agrotóxicos representa um sério risco à saúde humana e infelizmente “O consumo de agrotóxicos no País – herbicidas, fungicidas entre outros –, tem sido crescente, alcançando, atualmente, vendas anuais que superam U\$ 2,5 bilhões [...]” (Aquino e Monteiro, 2005, p. 190). Buscando entender esse cenário na realidade estudada, foi questionada a forma de controle de pragas e doenças adotadas pelo público entrevistado como mostra abaixo gráfico 4:

**Gráfico 4:** Formas de controle de pragas/doenças adotadas pelos praticantes de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



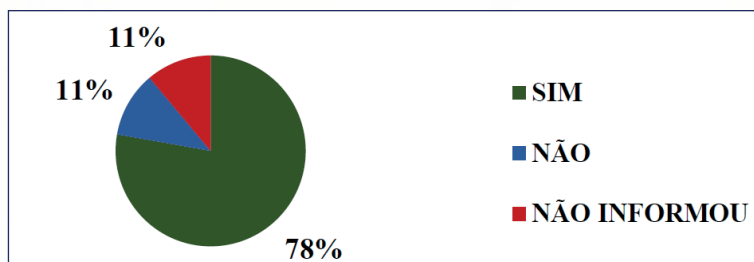
Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

É possível perceber que 78% dos entrevistados não usam nenhum tipo de agrotóxicos em suas hortas e/ou roças e, se somado aos 11% que fazem uso de defensivos naturais, geralmente soluções com pimenta e álcool produzidas por eles próprios, se pode afirmar que a Agricultura Urbana praticada no bairro Fernão Velho está livre de produtos químicos. Isso por que os 11% que fez uso de algum produto químico estava relacionado ao controle de formigas e a aplicação não ocorreu repetidas vezes, ficando claro assim que essa prática “[...] é inerentemente mais propensa à biodiversidade do que a agricultura rural moderna por que é mais sustentável, depende menos de insumos químicos e é menos nociva biologicamente [...]”. (Smit, 2000, p. 3).

Esses dados têm um grande significado considerando que, como já apresentado na introdução, o recorte estudado está inserido em uma Área de Proteção Ambiental e mostra que a Agricultura Urbana praticada no bairro Fernão Velho não representa impactos para a flora e fauna local, muito pelo contrário, ajuda a preservar. Isso significa também que essa é uma importante alternativa para o planejamento do uso e ocupação do solo no bairro, pois agrega geração de emprego e renda com preservação ambiental, mas “[...] fazer reconhecer a agricultura urbana

como um contribuinte significativo para a segurança alimentar da cidade e para o desenvolvimento urbano sustentável” (Drescher, Jacobi e Amend, 2000, p. 5) ainda é um grande desafio. Está claro que essa falta de compreensão não ocorre por parte dos agricultores urbanos como mostra o gráfico 5:

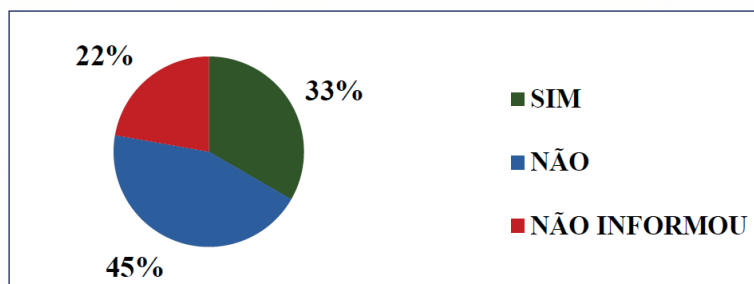
**Gráfico 5:** Contribuição do cultivo/criação para a renda dos praticantes de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

Está em evidência que 78% dos entrevistados reconhecem que o cultivo e/ou criação de animais representam grande importância na renda familiar. Faz-se necessário destacar que a renda entendida aqui não está restrita ao resultado da venda dos produtos, pois, como apresentado no gráfico 1, boa parte do que é produzido é destinado principalmente ao autoconsumo, o que faz com que muitas famílias deixem de comprar o que se consegue produzir no interior das residências. Já quando perguntado sobre o interesse dos agricultores em ampliar a prática de Agricultura Urbana atual, as respostas apontaram um cenário preocupante como explicitado no gráfico 6:

**Gráfico 6:** Interesse de ampliação das práticas de Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho, Maceió/AL



Fonte: Pesquisa de campo - NUAGRÁRIO, 2020.

Ao mesmo tempo em que o gráfico 6 destaca que 33% dos entrevistados apresentam interesse em ampliar a Agricultura Urbana, um percentual de 45% dos agricultores urbanos afirma que não têm interesse em ampliar o cultivo e/ou criação de animais revelando um cenário de pouco avanço dessa prática em termos de crescimento e expansão. As justificativas dadas tanto por um grupo quanto por outro apresentam elementos em comum, pois apontam para a falta de espaço e as condições financeiras como obstáculos, além da própria idade que também já foi abordada no começo deste capítulo.

Cabe relacionar também a falta de atuação do poder público como bem foi abordado no capítulo de abertura, visto que não se trata da não existência de leis preocupadas com o acesso ao alimento e as condições de vida da população, o que está em questão é a não aplicação destas e a invisibilização da população pobre urbana que muito tem a contribuir com a produção de alimentos.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

---

É nítido que a materialização da Agricultura Urbana ocorre nos mais diversos ambientes, desde espaços públicos e espaços privados como lotes vagos, terrenos ociosos, os próprios quintais das residências, terrenos de propriedade municipal, áreas não edificáveis como margens de curso d'água etc. Sua existência é carregada de saberes tradicionais que contribuem para a produção de alimento, melhoramento do espaço e manutenção da fauna e flora local.

A sustentabilidade do/no cotidiano é possível e pode ajudar na economia doméstica e promover o acesso ao alimento livre de insumos químicos. Ficou nítido também que a falta da atuação do poder público na promoção de iniciativas que incentivem e ajudem os agricultores urbanos não é realidade no referido recorte. Essa promoção da invisibilização dos pobres urbanos tem precarizado ainda mais as condições de vida dessa população.

Por fim, diante de tudo o que foi apresentado e discutido neste trabalho, é possível afirmar que a Agricultura Urbana é uma importante ferramenta para a promoção da segurança alimentar dos pobres urbanos e da preservação ambiental. Cabe ao poder público avançar para além de teorias vazias de práticas. Valorizar essa prática nos espaços urbanos é antes de qualquer coisa valorizar a vida, pois a origem dos produtos da Agricultura Urbana no bairro Fernão Velho não tem rótulos, tem mãos e faces.

## REFERÊNCIAS

---

ANDRADE, A. L. Agricultura urbana e relações campo-cidade, rural-urbano: iniciando uma abordagem. *In*: Encontro Nacional de Geografia Agrária (ENGA): Questão agrária e práxis social, 24., 2018, Dourados, MS. **Anais eletrônicos**. Dourados, MS: UFGD, 2018. p. 2962-2980. Disponível em: <http://www.anaisenga2018.comunidades.net/>. Acesso em: 31 ago 2020.

AQUINO, A. M. de; MONTEIRO, D. Agricultura Urbana. **Agroecologia**: princípios e técnicas para uma agricultura orgânica sustentável, Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica; Seropédica: Embrapa Agrobiologia, p. 186-198. 2005.

DRESCHER, A. W. JACOBI, P. AMEND, J. Segurança Alimentar Urbana: Agricultura urbana, uma resposta à crises? **Revista de Agricultura Urbana**. v. 1, n. 1. p. 1-8. julho, 2000. Disponível em: <http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1resposta.html> Acesso em: 12 jan. 2017.

FARIAS, I. dos S. **Nossa casa é do patrão**: dominação e resistência operária no núcleo fabril de Fernão Velho – Maceió/AL. Curitiba: Appris, 2014.

LEFEBVRE, H. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 2011.

MINAYO, M. C. de S. (org.). Trabalho de Campo: contexto de observação, interação e descoberta. **Pesquisa Social**: teoria, método e criatividade. 28 ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

MOUGEOT, L. J. A. Agricultura Urbana – conceito e definição. **Revista de Agricultura Urbana**, v. 1, n. 1, jul 2000. v. 1, n. 1. p. 1-8. julho, 2000. Disponível em: <http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1resposta.html> Acesso em: 12 jan. 2017.

REGINENSE, C. **A cidade como cenário de oportunidades**: etnografia das margens. Curitiba: Appris, 2019.

SANTOS. M. **Manual de Geografia Urbana**. 3. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2012.

SANTOS, M. **Metamorfoses do Espaço Habitado**: fundamentos teóricos e metodológicos da Geografia. 6. ed. São Paulo: Edusp, 2014.

SANTOS, M. **O Trabalho do Geógrafo no Terceiro Mundo**. Tradução de Sandra Lencioni. 5. ed. São Paulo: Edusp, 2013.

SANTOS, M. **A urbanização brasileira**. 5 ed. São Paulo: Edusp, 2018.

SMIT, J. Agricultura urbana e biodiversidade. **Revista de Agricultura Urbana**. v. 1, n. 1. jul. 2000. Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1.html>>. Acesso em: 5 Jan. 2017.

TERRILE, R. Planificación urbana, ordenamiento territorial y AU. Texto temático del Curso-Taller: "Diseño e implementación multi-actoral de políticas y acciones estratégicas en Agricultura Urbana", IPES, RUAUF, Lima. 2006.

ZEEUW, H. de; GÜNDEL, S. WAIBEL, H. A Integração da Agricultura nas Políticas Urbanas. **Revista de Agricultura Urbana**. v. 1, n. 1. julho 2000. Disponível em <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1integracao.html>>. Acesso em: 13 jan. 2017. em: 5 Jan. 2017.